

CARTAS DA PANDEMIA: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA SOBRE SUA FORMAÇÃO EM TERRITÓRIO SEMIÁRIDO

*Clara Maria Miranda de Sousa **

*Emanoela Souza Lima ***

RESUMO: Este artigo visa analisar a narrativa (auto)biográfica de estudantes de Pedagogia em uma universidade pública da região do Vale do São Francisco, localizada no território de Petrolina (PE) no contexto da pandemia da COVID-19. Para refletir sobre a formação a partir da escrita de si, pautamo-nos, teórica e metodologicamente, em Heidegger, Josso, Freire, Ribeiro, Passeggi, Sousa e Lima. Neste artigo, contemplam-se respostas referentes a como os estudantes se sentiram no processo de formação docente em meio à pandemia e o que esperavam do futuro. A turma do curso de Pedagogia era composta por 19 estudantes; deste total, 17 participaram da atividade da escrita da carta a si. Como estratégia de análise, utilizou-se o método do círculo hermenêutico “heideggeriano”. Assim, as informações foram organizadas em três temas de sentido, sendo: saúde mental na pandemia; ensino remoto versus ensino presencial; e planejamento de carreira. Percebeu-se, por meio das cartas, a preocupação quanto ao ensino remoto, assim como os planos de futuro, com intenção de contribuir socialmente para uma educação humana e facilitadora de aprendizagens. Notou-se, ainda, que os estudantes refletiram sobre o bem-estar na profissão, buscando o sentido de suas ações, além de demarcarem o suporte financeiro, emocional, familiar e formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa (auto)biográfica. Formação. Pedagogia. Pandemia.

PANDEMIC LETTERS: NARRATIVES OF PEDAGOGY STUDENTS ABOUT THEIR TRAINING IN THE BRAZILIAN SEMI-ARID TERRITORY

ABSTRACT: This article aims to analyze the (auto)biographical narrative of Pedagogy students at a public university in the region of the Vale do São Francisco, located in the territory of Petrolina, Brazil, in the context of the COVID-19 pandemic. In order to reflect on training based on self-writing, we base ourselves, theoretically and methodologically, on Heidegger, Josso, Freire, Passeggi, Ribeiro, Sousa and Lima. This article contemplates responses regarding how students felt in the teacher training process in the midst of the pandemic and what they expected from the future. The class of the Pedagogy course consisted of 19 students, of which 17 participated in the activity of writing the letter to themselves. As analysis strategy, the “Heideggerian” hermeneutic circle method was used. Thus, the information was organized into three meaningful themes, namely: mental health in the pandemic; remote teaching versus face-to-face teaching; and career planning. We noticed, through the letters, their concern about remote teaching, as well as their plans for the future, with the intention of contributing socially to a humane and learning facilitating education. It was also noted that the students reflected on the well-being in the profession, seeking the meaning of their actions, in addition to demarcating financial, emotional, family and training support.

KEYWORDS: (Auto)biographical narrative. Training. Pedagogy. Pandemic.

* Mestra em Educação – Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: clarasousa.psico@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0967-7790>

** Mestra em Psicologia – Universidade Federal Vale do São Francisco – Univasf. E-mail: emanoelalimaa@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3551-0636>

Palavras Iniciais

Há algum tempo temos investido em nossos estudos o interesse pelas experiências de vida, relatada por quem vive e reflete sobre o que conta. Nosso interesse gira em torno de adentrar a percepção dos muitos atores da vivência, os próprios autores que provocam em nós pesquisadoras o desejo por falar e discutir sobre suas histórias e memórias. Mais do que solicitar friamente que os investigados falem de si e simplesmente registremos seus áudios como uma feitura automática, lançamos mão de uma tessitura narrativa como uma arte que provoca a expressão de si, recorrendo a formas provavelmente esquecidas na sociedade da mensagem instantânea.

Marcados pelas criações metodológicas e inspiradas em Heidegger (2012), Josso (2020; 2007), Freire (2015) Ribeiro, Sousa e Lima (2020), Passeggi (2011) vimos o quão sentido faz de propiciar a reflexão sobre a formação a partir da escrita de si. Assim, em nossas práticas como facilitadoras de aprendizagens, seja enquanto docentes ou profissionais da saúde mental, temos feito experimente-ações e bricolagens, transformando os relatos que nos são desvelados em possibilidade de ampliação da visão sobre a formação, a prática, a experiência e a própria vida.

Para tanto, este artigo visa apresentar resultados de uma pesquisa em andamento referente à narrativa (auto)biográfica de estudantes de Pedagogia em uma universidade pública da região do Vale do São Francisco, especificamente em Petrolina-PE. Os estudantes de Pedagogia foram convidados à escrita de cartas reflexivas em contexto de Pandemia da COVID-19. Parte do desenvolvimento de uma atividade no componente de Psicologia do Desenvolvimento, que teve como intuito provocar a reflexão sobre a própria história, dos processos de escolha ao curso, assim como observar como estavam na pandemia, no momento em que escreveram.

Isto posto, nos norteamos pela seguinte problemática: Como estudantes de Pedagogia, de uma universidade pública em território semiárido, refletem suas formações e projetos de vida em contexto de pandemia? Desse modo, almejamos pesquisar sobre os estudantes a partir do que eles mesmos trazem e produzem pela escrita de si, seus medos, angústias, alegrias e vivências em estarem nos primeiros períodos de uma graduação em Pedagogia dentro da pandemia da COVID-19.

Para este artigo, serão apresentados alguns dos sentidos extraídos das cartas escritas pelos estudantes, priorizando os aspectos quanto à formação e projetos de futuro. Estes dois pontos explorados nas cartas, sinalizam sobre como os estudantes sentiam, viviam e refletiam sobre seus processos formativos, assim também relacionaram em como estavam percebendo seus engajamentos ao longo do curso enquanto formadores de si, a partir das relações com os professores mediados pelo ensino remoto.

O estudo desenvolvido por Anastácio, Antão e Cramês (2022) apresenta que o confinamento da COVID-19 teve implicações para professores e estudantes, enfatizando que a saúde de ambos fora afetada pela carga excessiva de atividades e demandas impostas pelas instituições e órgãos governamentais. Segundo Claro, Silva e Portilho (2022) em tempos de crise como fora da pandemia da COVID-19, se revelou as extremidades do cansaço de professores e estudantes, tendo sido necessário

reinvenções de si para nortear a prática educativa, sendo o diálogo e a reflexão da realidade caminhos possíveis para o desenvolvimento formativo.

O artigo está organizado em introdução, em que traçamos em linhas gerais sobre a pesquisa que estamos a nos debruçar sobre a escrita (auto)biográfica de estudantes de Pedagogia em contexto de pandemia. No segundo momento, serão expostos os fundamentos teóricos que embasam nosso estudo. O terceiro momento compreende a apresentação metodológica que norteia a pesquisa em torno de interpretar sobre a escrita dos estudantes. Após, são apresentados alguns resultados sobre como os narradores mostraram suas experiências de formação na pandemia. Por fim, nas considerações finais são agregados os pontos cruciais do estudo.

As narrativas dos estudantes de Pedagogia nos mostram que as relações coletivo-singular se envolvem com o tempo entre passado-presente-futuro. Conforme Passegi (2011) a formação quando possibilita espaços de escrita de si, carrega uma dimensão autopoiética, ou seja, colabora para uma reinvenção de si. Ao refletirmos sobre formação docente ainda nos primeiros períodos de um curso de licenciatura, percebemos a possibilidade que temos de dar a condição para que cada um possa narrar a própria vida, com seus esboços imperfeitos, partilhando das inquietações e de seus contextos. Por isso mesmo é que se mostra um tecer ponto a ponto, permitindo que cada um conte um pouco de si e se revele em muitos outros.

Tessituras Teóricas

Narrar é como ir construindo uma peça de tricô, os pontos que são feitos garantem a forma final da peça. Cada ponto tecido vai marcando a peça de muitos modos, alguns mais uniformes garantem uma formação mais robusta, outros mais afrouxados podem favorecer a maleabilidade do objeto final. Narrar sobre si e sobre processos formativos é como essa peça de tricô que vai sendo feita e refeita. A narração das histórias de vida provoca no sujeito uma reafirmação do seu lugar no tempo e no espaço, permitindo a tomada de consciência de situações que possam estar automatizadas ou atomizadoras dos modos de operar na vida.

No campo da formação, Josso (2020) destaca que narrar a vida agrega várias perspectivas, a partir dos objetivos e diferentes formas do que se almeja contar. As narrações das histórias de vida, permeadas na formação das pessoas mostram múltiplas possibilidades de existir singular-plural, com a condição de criar e inventar sobre o pensar sobre os planos particulares e coletivos (JOSSO, 2007). Assim, o espaço da formação é atravessado por uma reflexão coletiva sobre o ser e o tornar-se docente, que passa por uma compreensão das dimensões: pessoal e profissional/coletiva (NÓVOA, 2009).

As narrativas das histórias de vida como fonte de conhecimento e aprendizagem dentro do processo de formação docente é um dispositivo que evidencia questões da (inter)subjetividade em uma perspectiva psicossociológica. Nesse sentido, Freire (2015) nos indica que “pensar certo” é um ato comunicante, ou seja, o reconhecimento de si implica necessariamente um outro, em um ato co-

participativo. Logo, a pessoa que narra não dispõe em seus relatos episódios isolados e fragmentados, ao narrar sobre sua história de vida e formação o sujeito vai formando um caleidoscópio em que a integração dos momentos narrados produz imagens atualizadas sobre si, sobre suas relações e sobre o que se vive no aqui-agora.

Heidegger (2012) nos indica que o ser se apresenta como *Dasein* – o ser-aí, quem se debruça sobre si para encontrar as possibilidades de sua essência enquanto ser-no-mundo. Cada um tem inúmeras possibilidades perante os processos de escolhas vividas em suas existências, mas é refletindo que terá a condição de dar uma resposta ao modo de ser e viver no mundo com as condições que lhes estão disponíveis, assim como as que encontra na realidade.

A pandemia modificou substancialmente os nossos modos de estar na vida, especialmente no campo da educação os impactos endossaram ainda mais as vulnerabilidades e desigualdades sociais; afunilou o adoecimento docente diante da falta de apoio, da sobrecarga, burocracia e precarização das ferramentas de trabalho; demarcou as ideologias meritocráticas e acentuou as demandas de saúde mental dos estudantes (RIBEIRO; SOUSA; LIMA, 2020). Nesse cenário, assim como em outros níveis de escolarização, a formação inicial docente aconteceu através do ensino remoto.

Diante disso, compreende-se que a vivência da formação ocorre através do entrecruzamento da existencialidade associada à questão da identidade. Portanto, no contexto da formação de adultos a existencialidade performada em ações, posicionamentos e compreensões do “*isso que me passa*” marca as construções identitárias dos sujeitos, neste relato dos estudantes de Pedagogia (JOSSO, 2007; BONDÍA, 2011). A aposta na narrativa das histórias de vida já no processo de formação inicial é um modo de facilitar a produção de uma nova identidade profissional docente e de romper com as perspectivas burocráticas e cartoriais que, segundo Pimenta (2009, p. 5), “não dão conta de captar as contradições presentes na prática social de educar”.

Para Passeggi (2011) as palavras não se movem apenas para representar a realidade, mas se mostra uma forma de construir a realidade humana ou até mesmo humanizar a realidade através do discurso. Motivar a escrita de si na formação docente é proporcionar que os estudantes se aproximem de modo consciente da realidade que lhe está posta, abrindo-se à compreensão do mundo, da sua experiência e dos desejos de vir-a-ser. Pelas palavras, sejam escritas ou orais, os espaços de narrativas de vida são povoados de dilemas, emoções, sensações, confortos e desconfortos, são as marcas históricas que vão aparecendo nas compreensões do próprio tempo.

A narrativa autobiográfica mostra-se fundamental nos contextos de formação, pois ao mesmo tempo o narrador é o próprio vivente, personagem e escritor da história e reflexões, logo, não se trata de algo externo como se fosse um mero espectador, mas de como sente e vive a partir do modo como compreende a sua experiência. Através das narrativas, os estudantes apresentam seus dilemas entre as escolhas que fizeram antes de chegar ao curso de Pedagogia, assim como as que são realizadas

diariamente. Com isso, ao narrarem sobre suas histórias os estudantes vão interpretando o que veem e concebem na formação, percebendo seus avanços e processos que precisam ser retomados.

Método

O nosso percurso metodológico se desdobra em um processo de relato de experiência da prática docente, especialmente quando esta se ancora com uma pedagógica crítica voltada à educação como prática social e, portanto, mobilizadora de reflexão e transformação social sobre a realidade vivida (RANKINGS, 2011). Nessa perspectiva, o nosso fazer pedagógico se dá na compreensão de que é somente agindo e refletindo sobre nossas práticas de ensino que podemos produzir outros modos de formar as pessoas, tanto pessoal como profissionalmente.

De acordo com Libâneo (1994, p. 100)

“Ensinar significa possibilitar aos alunos, mediante a assimilação consciente de conteúdos escolares, a formação de suas capacidades e habilidades cognitivas e operativas e, com isso, o desenvolvimento da consciência crítica (...) que não é outra coisa que o pensamento independente e criativo face a problemas da realidade social disciplinado pela razão científica (...)”.

Sendo assim, contaremos um pouco de como ocorreu o caminhar... a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento, integra a grade curricular do curso de Pedagogia de uma universidade pública em Petrolina-PE, tendo como carga horária 45h, desenvolveu-se um processo de narração das histórias de vida dos estudantes como via de refletir sobre si, as relações estabelecidas com o outro e com o mundo. Dentro da composição do curso, se vincula a outras disciplinas do 2º período. Este componente fora vivenciado via ensino remoto, utilizando de aplicativos do *Google*, a exemplo do: *Classroom*, *Google Meet* e *Google Forms*. Os encontros foram realizados semanalmente, ao longo de três meses que compunha o semestre letivo, composto de atividades diversas com intuito de avaliação do processo formativo dos licenciados em Pedagogia.

A proposta da primeira atividade avaliativa, fora a escrita de uma carta a si, com intuito de refletir sobre as percepções de si, autoconhecimento, planejamento e desenvolvimento pessoal. Tendo como instruções: *Individualmente, cada estudante escreverá uma carta a si próprio, como se estivesse escrevendo a seu (sua) melhor amigo(a). Dentre os assuntos, abordar: sua história, onde nasceu, como foram os seus primeiros anos de vida, seu período de adolescência, juventude e vida adulta, o que te fez escolher a Pedagogia, como se sente atualmente no processo de formação docente em meio a pandemia e o que espera do futuro.* Tiveram como prazo um mês para envio pelo *classroom* ou por e-mail da docente que lecionou a disciplina.

Para este artigo, optamos por valorizar as respostas referentes a como os estudantes se sentiam atualmente no processo de formação docente em meio a pandemia e o que esperavam do futuro. A

turma do curso de Pedagogia fora composta por 19 estudantes, participando da atividade da escrita da carta a si o total de 17 licenciandos. Destes, 13 eram mulheres e 4 eram homens. A idade dos licenciandos variou de 19 a 40 anos.

Como estratégia de análise, utilizou-se o método do círculo hermenêutico “heideggeriano”. A hermenêutica vem ser o modo como interpretamos o que nos interessa, a partir da relação com quem vive e é capaz de comunicar e interagir com o que reflete. Com isso, a hermenêutica, busca refletir e compreender acerca do que se vê, das leituras e das vivências, criando assim possibilidades de reflexão sobre a experiência. (HEIDEGGER, 2012).

Para tanto, a análise a partir do viés fenomenológico-hermenêutico, fora desenvolvido através das etapas do círculo hermenêutico “heideggeriano”: a) pré-compreensão: em que fora apreendido o fenômeno como aparece à consciência, nesta etapa todas as cartas dos estudantes foram lidas; b) compreensão: buscou-se nesta etapa compreender sobre o que cada estudante gostaria de revelar sobre si e seu modo de ver o mundo, observando o que apareceu enquanto pontos convergentes e divergentes da turma pesquisada; c) interpretação: esta etapa tratou-se de relacionar os pontos convergentes e divergentes com os estudos fenomenológicos-hermenêuticos, a fim de trazer à tona a consciência reveladas pelas cartas dos estudantes de Pedagogia.

O Ressoar das “Cartas a Si”

O grupo de estudantes, narradores de suas experiências na pandemia, teve em sua composição majoritariamente do sexo feminino (N=13) 75% do total e apenas 25% dos participantes eram do sexo masculino (N=4). No que tange à idade, 75 % do grupo tinham a idade entre 19 a 24 anos, a segunda maior porcentagem tinha 25 a 31 anos, sendo 20% do total, seguindo de apenas um graduando com mais de 31 anos. Referente aos lugares que os participantes residiam, pode-se observar que os estudantes moravam tanto em municípios do Pernambuco: Petrolina, Izacolândia, Santa Maria da Boa Vista, Santa Filomena, Dormentes e Ouricuri, assim como também em municípios da Bahia: Sobradinho e Curaçá. Alguns participantes sinalizaram que não residiam na área urbana e sim em comunidades rurais.

Por conta da pandemia, os estudantes não haviam se encontrado presencialmente, vivenciando os dois primeiros períodos do curso de forma remota. Para mantermos o sigilo quanto às informações pessoais dos participantes, optamos por identificarmos pelas siglas P1 a P17, a letra P sendo escolhida para fazer referência a estudantes de Pedagogia.

A partir das cartas foi possível identificar e compreender os aspectos que correspondem ao processo de formação docente em meio à pandemia e o que esperavam do futuro. Assim, as informações foram organizadas em quatro temas de sentido, sendo: saúde mental na pandemia; ensino remoto versus ensino presencial; estratégias para lidar com a pandemia; e planejamento de carreira.

Saúde mental na pandemia e estratégias encontradas

Os estudantes através de suas narrativas apresentam que a pandemia os afetou emocionalmente no sentido de precisarem lidar com as dificuldades de saúde. As estratégias encontradas pelos estudantes para lidarem com as questões de saúde na pandemia, estiveram voltados ao processo de autocuidado, a exemplo de reflexões em torno de valorizarem moradia, alimentação e relações familiares e de amizade.

Outro aspecto que fora muito presente nas cartas, se relacionou as formas vivenciadas de espiritualidade, tanto na dimensão religiosa voltada a alguma instituição ou de maneira pessoal em acreditar em um ser superior que rege a vida. Para Josso (2007) nas histórias de vida através do que se observa em narrativas de formação é realmente difícil não aparecer os aspectos de sinergia positiva ou negativa, pois permeia a evolução da existencialidade de cada pessoa, assim como faz parte de sua identidade.

O relato da estudante P4 mostra a aproximação com o tempo que lhe foi possível em vivenciar a maternidade: *“com a pandemia fez eu ter mais tempo com meu filho, tempo dele crescer o suficiente pra eu poder estudar. E tempo para eu ser mãe”*. Para além de ser estudante, a participante P4 mostra que a maternidade tem se mostrado de grande sentido por estar tendo tempo qualitativo para acompanhar o desenvolvimento de seu filho. O tempo que fora estipulado pelo sistema cronológico acaba por devorar sobre o viver de cada pessoa, levando-os a alienação em não perceberem aspectos essenciais. Para uns a pandemia levou-os a tomada de consciência sobre o viver, para outros se mostrou desgastante por precisarem sobreviver às muitas demandas e papéis sociais (RIBEIRO; SOUSA; LIMA, 2020).

A estudante P8 sinaliza sobre as adaptações que vivenciou: *“A pandemia trouxe muita mudança e tristeza também, tivemos que nos reinventar para praticamente tudo, e vimos tantas vidas se perderem sem direito a despedida e velório”*. Assim como o estudante P15, apresenta que: *“Infelizmente, não consegui me adaptar com a plataforma, logo não consegui concluir o semestre que foi ofertado. Fiquei bastante frustrado, me sentindo incapaz e impotente. Eu me encontrei perdido, e diversas vezes pensei até em trancar o curso”*.

Bondia (2011) nos sinaliza que trazer à memória a experiência nos apresenta choques de realidade, nos impedindo de conectar-nos com acontecimentos significativos. Para as estudantes P8 e P15, as travessias em torno do ensino remoto lhe impactaram seja na dimensão existencial em pensar sobre a relação com a morte e despedida de milhares de pessoas, assim como sentir-se impotente perante o vivido.

Na sua escrita a estudante P18 mostra que:

[...] sinto-me triste por estar vendo a desvalorização do pedagogo nesta pandemia da Covid-19, mas isso me faz refletir e querer ainda mais me formar e mudar isso, quero lutar e mostrar ao mundo que somos a profissão mais importante, pois só se aprende com um intermediador, que é o PROFESSOR.

A saúde mental dos estudantes durante o período da pandemia evidencia impactos especialmente voltados para a tristeza, a dúvida, as incertezas e medos. Para Josso (2007) a construção de si apresenta o ponto do iceberg da existencialidade, tendo um conjunto complexo de aspectos que se revelam com o

vivido. Houveram experiências coletivas de perdas de muitas vidas relacionados a Covid-19, mas também percebe-se que o olhar subjetivo alcançou inclusive as lutas em torno da valorização docente.

O curso se mostra com muito sentido para os estudantes, como maneira de sustentar a realidade atual, a estudante P18, apresenta: *“Fico feliz por ter a oportunidade de estar em um curso tão rico e lindo”*, assim também mostra preocupação quanto à desvalorização docente neste período de pandemia. Conforme Freire (2015) o ato de formar e ser formado permite vivenciar alegria e esperança, assim como a liberdade de mover-se, de criar, de se arriscar. A sensação apresentada pela estudante aparece em outras cartas, entendendo que estar no curso de Pedagogia não se mostra um ato mecânico em prol de um diploma no encerramento do percurso formativo, mas sendo espaço de construção de si por meio da escuta, diálogo e curiosidade em conhecer.

Ensino remoto versus ensino presencial

O ensino remoto fora uma maneira encontrada pelas instituições de ensino para continuar com as atividades, já que a pandemia ainda estaria em eminência de sua continuação. Alguns estudantes mesmo tendo realizado a matrícula resolveram não cursar disciplinas no auge na pandemia em 2020 e decidiram retomar em 2021. Conforme a estudante P1, ela sinaliza que *“resolvi não cursar por medo de não aprender nada virtualmente, nesse semestre resolvi voltar e estou gostando de estudar online, não é nada comparado ao ensino presencial, mas estou me adaptando”*.

Compreende-se ainda que havia a expectativa no retorno presencial, com intuito de fortalecer as relações, como apresenta a estudante P5: *“Contudo, sigo com a esperança de que possamos voltar ao mais próximo do normal em breve. Principalmente das aulas presenciais, pois sinto falta de abraços, de conversar com os colegas e professores presencialmente”*.

Os estudantes em suas cartas sinalizam que as dificuldades com o ensino remoto se mostram de ordem mais prática, a exemplo do sinal da internet, a realização de trabalhos em grupos e a relação professor-aluno, inclusive mostrando-se sensíveis ao desgaste docente ao ministrarem as aulas, tentando fazerem o melhor possível.

A estudante P9 nos traz que:

Embora a pandemia tenha dificultado muito em questões de estudos, creio que hoje estou vendo melhor essa forma de ensino a distância, sinto falta do dia-a-dia na sala de aula, mas não é algo que afete muito o meu aprendizado como nos outros semestres onde ainda estava tentando me adaptar a situação. Na verdade, ao voltar as aulas presenciais eu acho que vamos novamente ter que nos adaptar a ocasião.

A estudante P9 percebe que tudo o que é novo causa inicialmente desconforto, como fora o ensino remoto, observa que o retorno presencial também emanará inicialmente novas adaptações. Sobral, Caetano e Freire (2018) nos sinalizam que as emoções são faróis que nos impelem de continuar as tentativas, sinais que são decodificados pelos aspectos culturais e familiares. Sendo assim, o ensino

remoto mostrou-se uma experiência nova que precisou de maior processo de discussão entre os pares, para haver o mínimo possível de adaptação.

O estudante P10 nos sinaliza que:

só pudemos ter duas disciplinas, das quais tive a infelicidade mais uma vez, de me deparar com autoritarismo docentes e imaturidades discentes; fato este que quase me fez deixar o sonho, mais uma vez e retardar o que queria e inclusive, em optar em fazê-lo a distância, para ver se evitava esses tipos de problemas.

Isto corrobora o que o estudo de Dosea *et. al* (2020), que analisou a opinião de estudantes universitários sobre ensino remoto no contexto de pandemia, revelou sobre os estudantes apesar de avaliarem positivamente o ambiente virtual (interação, acesso, aprendizagem e qualidade do ensino), apresentarem problemáticas que influenciaram na qualidade da experiência vivenciada no ensino remoto. Além disso, os fatores limitantes, tais como: as dificuldades de acesso e a instabilidade da internet, a ausência de aparelhos eletrônicos de qualidade, ambiente domiciliar pouco propício, as distrações e a pouca ergonomia, influenciam diretamente no processo de aprendizagem do acadêmico, o que pode à medida que as situações complicadoras aumentarem, a satisfação e participação dos discentes diminui e o receio de não aprender poderia surgir.

Planejamento de carreira

Os estudantes narradores mostram que a escolha pelo curso se deu de modo consciente, almejando seguirem carreira na área em funções diversas, desde se tornarem professoras e professores, quanto a contribuições como coordenadores pedagógicos e gestores, como narra P3: “[...] e quando penso em desistir, lembro-me do porque escolhi esse curso e que no final tudo valerá a pena, tudo dará certo, espero no futuro conquistar tudo o que desejo nesse momento, que é ser uma profissional realizada, fazendo aquilo que eu gosto, que é estar na educação, seja como professora, coordenadora e quem sabe até, gestora”.

Com esse trecho da carta da estudante P3 podemos perceber como a escrita vai permitindo ao sujeito ir formando um encadeamento do presente-passado-futuro. Assim, compreendemos que lembrar não é um simples ato de repetir episódios do seu passado, é sim uma forma de estabelecer com este, no presente, outro olhar sobre si e sobre sua realidade, podendo atualizar/perspectivar modos de ser e estar.

A estudante P5 apresenta que almeja tornar-se “*futura professora e psicopedagoga, espero poder ajudar muitas crianças no futuro, não apenas com o aprendizado, mas também com os traumas que são adquiridos na infância e carregados pelo resto da vida*”.

O estudante P7 mostra que:

Então, eu espero que no futuro, conseguir passar no concurso público ou então fazer outra faculdade no ramo da psicologia ou da biofísica, pois ainda tenho interesse em trabalhar na área da perícia criminal. Já se for seguir na carreira de pedagogo pretendo trabalhar na área da psicopedagogia, porém não sei como será o futuro.

Heidegger (2012) nos apresenta que o ser carrega sentidos para sua existência. Os estudantes ao escreverem sobre seus desejos de futuro, mostram os planos de carreiras de maneira a possibilitar auto-organização e diversas possibilidades na carreira enquanto pedagogos. A estudante P9 pensa em seu futuro de modo a “[...] *aprender muito ainda com o curso para assim aprimorar minha mente e me tornar sempre uma pessoa melhor para assim melhorar a vida dos meus futuros alunos e pessoas que comigo conviva*”.

A estudante P13 escreve que *“Eu espero no futuro me formar, fazer uma pós em neuropsicopedagogia, e quem sabe... talvez psicologia. Casar com meu namorado e ter nossa casinha*”. O estudante P15, tem desejos parecidos com os apresentados por P13, mostrando que: *“Para o futuro, concluir minha graduação, ser um excelente profissional, conquistar minha casa própria, ajudar minha família, conhecer a Europa e de preferência fazer tudo isso ao lado do homem da minha vida*”.

Deste modo conforme Lima (2022) nos apresenta, o que existe é uma “espiral narrativa”, sendo esta um intercambiamento entre a memória e a ação que permite ao narrador entrar em contato consigo mesmo e com suas experiências significativas, podendo, assim, interpretar o significado do vivido. Do mesmo modo, para Passeggi (2011) as palavras não se movem apenas para representar a realidade, mas se mostram como uma forma de construir a realidade humana ou até mesmo humanizar a realidade através do discurso.

Alguns estudantes após a conclusão do curso pretendem realizarem outras graduações superiores, a exemplo de Psicologia como formação complementar. Além disso, se preocupam quanto à estabilidade financeira e ao planejamento da participação em processos de seleção para concursos públicos. Foi observado que além de aspectos materiais, os estudantes almejam captarem uma formação viva, que ajude a continuarem a se construírem como humanos preocupados com a realidade.

As “cartas a si”, como um exercício reflexivo agregado a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento de um curso de Pedagogia em uma universidade pública da região do Vale do São Francisco, evidenciou os impactos da pandemia na formação profissional de cada estudante, mostrando como estes se adaptaram ao ensino remoto e aguardaram a possibilidade de retorno ao presencial. Através dos escritos, nota-se que os estudantes se sentem provocados a planejarem seus futuros, com a intenção de contribuir socialmente para uma educação humana e facilitadora de aprendizagens, mas também de pensarem sobre o bem-estar na profissão, tendo sentido as suas ações, além de terem suporte financeiro, emocional, familiar e formativo.

Arrematações Finais

Olhando para o contexto do semiárido foi possível perceber, através da escrita das cartas, que de fato a pandemia e seu atravessamento no cotidiano reverberaram de muitos modos na realidade dos estudantes, intensificando adoecimentos emocionais, alargando desigualdades sociais, provocando desgaste diante dos papéis sociais que ocupam e dificultando a permanência em cursos de graduação. Mas na contramão, os estudantes apresentaram também a alimentação de *esperança* que, segundo a nossa

leitura fenomenológica, se revelou como verbo *esperançar*, conforme demarcação freiriana. Isto porque demonstraram que foi um momento de reparar o que se pode viver nesse período, reconhecendo potencialidades/vulnerabilidades e fortalecendo os sonhos e horizontes existenciais.

Remontando a metáfora do tricô-tecer, a partir dos relatos fica demarcado como a narrativa sobre si, que se desdobra na formação, vai arrematando fio a fio o que se vive no presente sem deixar de entrelaçar o passado e produzir novos pontos para o futuro. Por isso, consideramos nestas palavras finais que as narrativas de histórias de vida (sejam escritas ou orais) favorecem o processo de formação docente e potencializa um pensar que não finda apenas na contemplação de si e da profissão, como uma produção isolada e intrapsíquica. Narrar, portanto, para os estudantes do curso de Pedagogia, foi uma forma de elaborar o vivido (contexto pandêmico, vivência do ensino remoto, os motivos de ter escolhido o curso, o desejo para o futuro dentro da profissão etc.), o que reconhecemos como uma ação que se dá mediada pela intersubjetividade.

Em conclusão, no cenário desta disciplina, narrar foi uma importante ferramenta, pois possibilitou a cada estudante a retomada da arte de comunicar singularidades e pluralidades vinculadas aos seus processos formativos. Reconhecemos que, apesar de conviverem em um território comum – região do Vale do São Francisco – e fazerem parte do mesmo curso de graduação, cada sujeito que participou dessa atividade pode demarcar a sua singularidade e a pluralidade na relação com o semiárido e com a formação inicial.

Narrar, portanto, e especialmente em processos de formação docente, é uma forma, como poeticamente nos apresenta Manoel de Barros no escrito intitulado “Retrato do artista quando coisa”, de não ser “*apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.*”. Fizemos, assim, uma aposta de que trabalhar com narrativas de história de vida e formação fosse, ainda parafraseando o autor, “*um modo de renovar mulheres e homens usando as palavras*”.

REFERÊNCIAS

- ANASTÁCIO, Zelia Ferreira Caçador; ANTÃO, Celeste; CRAMÊS, Maria Luísa. Professores/educadores em pandemia Covid19: percepções de saúde, rotinas pessoais e competências profissionais. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 37, n. 117, p. 24–37, 2022. DOI: 10.21527/2179-1309.2022.117.13000. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/13000>. Acesso em: 4 jun. 2023.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Experiência e alteridade em Educação. *Revista Reflexão e Ação*, v. 19, n. 2, p. 04–27, 2011. Acessado em 31 de julho de 2022. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>
- CLARO, Ana Lúcia de; SILVA, Lisandra Babireski Barcia da; PORTILHO, Evelise Maria Labatut. Prática educativa: reflexão do professor na perspectiva freiriana no contexto da pandemia: educational. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 37, n. 116, p. 76–89, 2022. DOI: 10.21527/2179-1309.2022.116.12670. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/12670>. Acesso em: 4 jun. 2023 .
- CORRÊA, Adriana Katia et al. Metodologia problematizadora e suas implicações para a atuação docente: relato de experiência. *Educação em Revista*, v. 27, p. 61-77, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000300004>
- DOSEA, Giselle Santana; SILVA, Elisangela Andrade; OLIVEIRA, Ana Maria dos Santos. Métodos ativos de aprendizagem no ensino online: a opinião de universitários durante a pandemia de COVID-19. *Educação*, v. 10, n. 1, p. 137-148, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p137-148>
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa*. 51.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo – parte I*. Trad. Marcia de Sá Cavalcante. RJ: Vozes, 2012.
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.
- RIBEIRO, Marcelo S. de S.; SOUSA, Clara M. M. de.; LIMA, Emanoela S.. *Educação em Tempos de Pandemia: registros polissêmicos do visível e invisível*. Petrolina - PE: Univasf, 2020. (p. 103 - 106)
- LIBANEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIMA, Emanoela Souza. *Identidade em constante form-ação: uma leitura arendtiana por meio da narrativa de docentes baianas no âmbito da pesquisa-formação*. 2022. 205 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina - PE, 2022. Disponível em: <http://www.univasf.edu.br/~tcc/000027/0000275c.pdf>. Acesso em: 5 maio 2022.
- NÓVOA, Antônio. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista Educacion*. 2009. Acessado 20 de janeiro de 2022. Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf

PASSEGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v. 3, n. 3, 2009. Acessado em 31 de julho de 2022. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/50>

SOBRAL, Catarina; CAETANO, Ana Paula; FREIRE, Isabel. Emoções e ética na formação de formadores: a complexidade em ação. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 33, n. 106, p. 119–138, 2018. DOI: 10.21527/2179-1309.2018.106.119-138. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/7847>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Recebido em: 05 de junho de 2023.

Aprovado em: 29 de novembro de 2023.